

SOBRE A CRÍTICA GENÉTICA

II

Sílvio Elia
UFF

GRÉSILLON, Almuth (1994). *Eléments de critique génétique* (Lire les manuscrits modernes), Paris, PUF.

1. Este novo capítulo da Ecdótica é mais uma contribuição da cultura francesa ao progresso dos estudos filológicos. Surgiu, se julgarmos necessários uma data e um nome, em 1968, quando foi lançada em Paris a semente do que viria a ser o *Instituto dos Textos e Manuscritos Modernos*. E o nome a citar é o de Louis Hay, de cuja "paixão intelectual, consciência do patrimônio literário e talento", diz Grésillon, "foi que nasceu a crítica genética francesa" (p. 4). O movimento tinha o caráter das coisas predestinadas, de algo que já dispunha de um espaço à sua espera. Por certo não se criou do nada e teve predecessores. O próprio Louis Hay, em comunicação apresentada a um dos Seminários Internacionais de Paris e Porto (maio de 84 e março de 86), intitulada "L'ancien et le Nouveau Monde: l'édition du texte", referiu-se ao alemão Beissner nestes termos: "O primeiro aparato crítico especificamente adaptado à apresentação de manuscritos de autor foi posto em dia na Alemanha nos anos quarenta de nosso século. Concebeu-a F. Beissner para a edição das *Obras Completas* do poeta Friedrich Hölderlin (dita a "Stuttgarter Ausgabe)" (1988:91). As ondas do movimento vieram ter ao Brasil, e, no *Instituto de Estudos Brasileiros*, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), já existe uma *Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário*, que tem a dirigi-la o Prof. Dr. Philippe Willemart. Também o Rio de Janeiro não está ausente desses contatos, pois teve, em setembro de 1994, a feliz oportunidade de ouvir, na benemérita Fundação Casa de Rui Barbosa, em mesa-redonda, a palavra dos professores Louis Hay e Almuth Grésillon, do *Institut des textes et manuscrits*, do CNRS, e Pierre Rivas, da Universidade Paris X. O movimento está em plena expansão e crescimento, razão pela qual pareceu-nos de interesse trazer para aqui os dados principais para a configuração dessa corrente em ascensão, extraídos do recente livro do Prof. Grésillon, que encabeça estas linhas. Tão claro, preciso e rigorosamente fundamentado, que se tornará um clássico na bibliografia geneticista. Não fôra o trabalho fruto de vinte anos de pesquisa (p. 2).

2. Grésillon assim define a natureza do seu trabalho:

Escrevi este livro para fazer compreender e compartilhar o interesse e o prazer que tenho em adivinhar, descobrir, desconstruir e reconstruir os "caminhos da criação". Mas, atrás dessa posição de aparência estritamente lúdica, revela-se uma convicção mais fundamental. À literatura entendida como um conjunto fechado de textos canônicos, tornados tais graças a processos de recepção, vem se acrescentar o conjunto aberto dos processos de escrita. Aberta sobre o possível, o ambivalente, mesmo o inacabável, a crítica genética é também uma maneira de pensar a literatura nas categorias intelectuais do nosso tempo. (p. 6)

Nesse trecho se entremostam algumas das particularidades que irão marcar a crítica genética. As expressões "conjunto aberto dos processos de escrita", o *possível*, o *inacabável*, o *ambivalente* já nos fazem sentir que estamos em outro ambiente conceptual, o do *devenir*, do vir-a-ser, do múltiplo e não do uno, ao contrário do que vinha fazendo a Crítica Textual, que buscava o uno, o texto "definitivo", o arquétipo, enfim. Quanto ao "pensar a literatura nas categorias intelectuais do nosso tempo", há dois traços a sublinhar: o da maior aproximação com a literatura – a crítica "tradicional" era predominantemente filológico-lingüística –, e a colocação do pensamento crítico-genético nas categorias intelectuais *do nosso tempo*. O que revela uma posição relativista em face do problema do conhecimento.

Esses caracteres se tornam mais explícitos na página seguinte:

Opondo-se à fixidez e à clausura textual do estruturalismo, do qual, entretanto, herdou os métodos de análise e as reflexões sobre a textualidade, dando a réplica à estética da *recepção* ao definir os eixos do ato da *produção*, a crítica genética instaura novo olhar sobre a literatura. (p. 7)

Outras oposições da mesma página: produção x produto, escritura x escrito, textualização x texto, múltiplo x único, possível x finito, virtual x *ne varietur*, dinâmico x estático, operação x *opus*, gênese x estrutura, enunciação x enunciado. Como se vê, estamos mais para Humboldt do que para Saussure, mais para o Idealismo do que para o Estruturalismo, mais para o substancial do que para o formal.

3. Contudo todo esse entusiasmo criativista logo encontra sua contrapartida, pois não tarda entrar em ação a componente mecanicista. É então que surgem expressões como *fabricar*, *cálculo*, *construção*. Grésillon fala a respeito em *conjunção* e não em *disjunção* e refere-se até a uma fórmulação do alemão Martin Walser, que qualifica de "lapidar": "a escritura é uma espontaneidade organizada" (p. 10). Mais adiante (p. 14), ainda contrapõe o "pulsional-organicista" ao "artificial-constitutivo", ambos necessários.

De fato, temos aqui, como sempre, os dois patamares da pesquisa: a *recolha* dos fatos e a sua *interpretação*. Vossler distinguia entre um positivismo metodológico (a base factual da pesquisa) e um idealismo interpretativo, que não se limitasse

a classificar, comparar e generalizar os fatos, mas fosse buscar a sua força criativa na própria dinâmica do espírito humano. Chomsky também distinguia entre uma *teoria explicativa* (explanatory) e uma *teoria descritiva* da gramática em *Aspects*, p. ex.). Descrição e explicação. E, como se sabe, opunha ao *mecanicismo* de Bloomfield o seu *mentalismo* (que, afinal, nunca realizou).

4. No tocante à maior familiaridade dos geneticistas com a Literatura, bem expressivo é o seguinte texto:

A crítica genética não provê automaticamente parâmetros de literariedade, critérios de avaliação. Até o presente não revelou qualquer obra-prima desconhecida, nem contestou o que a instituição literária já tinha consagrado ou rejeitado, muito ao contrário, ela não se tem voltado senão para os valores seguros dos "grandes autores" – censura muito repetida. Entretanto sua capacidade de intervenção existe. Ela passa por uma reflexão sobre o conceito de escritura e de elaboração de uma estética da produção. (p. 18)

Neste ponto a crítica genética já confina com a crítica literária. Convém ainda chamar a atenção para a distinção entre *escritura* e *texto*. A escritura são os escritos de um autor, os seus rascunhos, emendas, esquemas, mesmo desenhos que se lhe encontram entre os papéis; integra o *antetexto*. O texto, por assim dizer, é a escritura depois de preparada para a leitura. "A crítica genética tem por objeto o *antetexto*, a edição crítica tem por objeto o *texto*" (p. 177).

5. Temos visto a insistência com que aparece em crítica genética o termo "manuscrito", a ponto de praticamente as duas coisas quase se identificarem. Cabe aqui distinguir entre manuscritos *antigos* (ou seja, medievais) e manuscritos *modernos*. Os manuscritos medievais são, em sua quase totalidade, apógrafos; demais, como salienta Tavani, "as obras da Idade Média que nos chegaram num só exemplar contam-se por centenas" (em Segala, 1988:29). Portanto crítica genética com base em manuscritos antigos, nem pensar ("não se pode fazer crítica genética em sentido estrito senão a partir de manuscritos modernos", diz Grésillon, p. 78). Mas, pergunta-se o mesmo Grésillon: "desde quando um manuscrito passa a ser moderno?". O primeiro impulso, e não desarrazoado, é o de fazê-lo contemporâneo do aparecimento das edições impressas, pois o texto impresso pressupõe o manuscrito. Por certo não se trata da "invenção" do manuscrito, que coexiste com a invenção (esta, sim) do alfabeto, e sim, mais propriamente da sua difusão, facilitada graças à utilização de outro invento, o papel. Por outro lado, como salienta Grésillon, são duas coisas distintas *produção* e *conservação* do manuscrito. Devia ser habitual, p. ex., a destruição do texto dado para impressão depois de ter cumprido o seu destino. Guardaria o autor cópia(s)? "O problema não está em saber desde quando se fazem rascunhos e sim desde quando são conservados" (p. 79). Para Grésillon, trata-se não apenas de um progresso tecnológico, mas principalmente de uma nova atitude cultural: "O homem da Cidade de Deus torna-se progressivamente indivíduo dotado de

liberdade, cidadão da Cidade dos homens" (p. 81). Por outras palavras, a preocupação com os manuscritos decorre da emergência da figura do *autor*.

Acompanhando resumidamente a Grésillon e procurando não comprometer-lhe o pensamento, rastreemos, particularmente para a França, a partir do Humanismo, as vicissitudes do manuscrito:

... na França do séc. XVI, vale dizer, com a existência do livro impresso, o manuscrito dado para impressão, maculado pelas marcações dos impressores e investido de nenhum valor, estava votado ao desaparecimento puro e simples. (p. 81).

E, quanto ao séc. XVII, foi "um século em que as artes poéticas e a retórica contavam mais do que a originalidade de uma criação" (p. 82).

Em França, foi necessária a experiência das Luzes para que o reconhecimento de fato se tornasse um reconhecimento de *direito*, para que o escritor se tornasse autor, autor que detém direitos garantidos pela lei, e para que o estatuto social se torne estatuto jurídico-econômico. (p. 82)

Contudo é no séc. XIX que o manuscrito irá encontrar o seu habitat científico:

Assim, o séc. XIX, "século de ouro da Filologia" (Jean Glénisson), é igualmente a época da emergência do manuscrito, antigo ou moderno. (p. 83)

Afirmção reforçada com o que se lê na p. 215:

Até o presente, os geneticistas franceses concentraram seus trabalhos nos prontuários de gênese dos séculos XIX e XX, porque na França poucos manuscritos de trabalho anteriores a essa época foram conservados.

6. Mas agora põe-se nova questão: que fazer com esses manuscritos? Os geneticistas, desde logo, afastam a tentação de pensar no antetexto como fase preparatória do texto, entendido este como termo ideal de uma edição crítica. O *percurso* importa mais que a *chegada*. A bem dizer, desta nem há que cogitar. Temos aqui o perigo da "linearidade", que tanto assusta os geneticistas, o engodo do *telos*, a confusão de cronologia com perfectibilidade. Ou, para falar com Grésillon:

O olhar teleológico perverte a interpretação, torna-a cega para o acidente, para a perda, para o estado de suspensão, para a alternativa aberta, em resumo para todas essas formas de escritura que se afastam da linha reta. (p. 138)

Avulta aqui uma das facetas do espírito deste *fin de siècle*. A exaustão do séc. XX quer a quebra da unidade, delicia-se com os fragmentos da diversidade, busca a desconstrução, a indecisão, a permissividade mais que a liberdade (é proibido proibir), todo esse caos em que estamos mergulhando e que se vem chamando vagamente *pós-modernidade*. Nada mais inaceitável, p. ex., para um geneticista

que o texto *ne varietur* das tradicionais edições críticas. A repulsa está no próprio Grésillon, quando se refere à "fecunda desordem", de que fala Valéry (p. 141) ou "aos caminhos caóticos do antetexto" (p. 161).

Pode-se, sem erro, apresentar como o objeto último da crítica antetextual: "a aproximação da língua em ato" (p. 147). É a isso que Grésillon denomina "Uma tomada de posição (*parti pris*) pela língua", que assim desdobra: *paráfrase, instância enunciativa, tempo, topoi sintáticos, topoi discursivos*.

Essa tomada de posição é anti-saussuriana, pelo menos em sua versão estruturalista. Grésillon traz em seu apoio a Culioli (lingüística das operações) e Benveniste (lingüística da enunciação), principalmente este. Convém, no entanto, registrar que Benveniste não é um anti-saussuriano; muito pelo contrário. Em *Problèmes de Linguistique Générale*, 1966, Benveniste exalta Saussure e o situa muito bem no concerto da Lingüística Moderna. Considerem-se estas palavras:

A Lingüística tornou-se uma ciência maior entre as que se ocupam do homem e da sociedade, uma das mais ativas tanto no campo das indagações teóricas, quanto no de seus desenvolvimentos técnicos. Ora essa lingüística renovada é em Saussure que tem origem, é em Saussure que ela se reconhece e se concentra. (p. 45)

Na verdade o que Benveniste fez foi percorrer um outro caminho, dentro do quadro teórico saussuriano, o da *subjetividade* (daí a teoria da enunciação), que o mestre suíço indicou com o nome de Lingüística da parole, mas não teve tempo de aprofundar, em virtude da sua confessada preferência pela *langue*; se é que não julgou ter de ceder metodologicamente à maior urgência da conceituação de *lanque*. No estudo "Freud e a linguagem", inserto igualmente em *Problèmes*, Benveniste foi muito claro: "Em primeira instância, reencontramos o universo da *parole*, que é o da subjetividade" (p. 77).

Sei que não estou a trazer novidade, mas pareceu-me pertinente reviver certas noções, num momento em que ondas renovadoras estão ultrapassando os limites de uma crítica historicamente fundada.

7. Para atingir o seu objetivo de surpreender *in actu exercito* o processo da criação, recorre Grésillon a um princípio dinâmico, que assim especifica:

É aí que dois princípios devem intervir para tornar a análise possível. Consiste o primeiro em admitir que a "retornada genética" não visa atingir o "funcionamento real", mas é no máximo uma simulação, um ato de construção científica, no qual, a partir de um observável, o pesquisador formula hipóteses com que analisar e interpretar um processo de escritura. O segundo princípio consiste em recorrer às especificidades do escrito, que ajudam de fato a traduzir traços materiais em operações. (p. 149)

Para isso, como já dissemos, vale-se Grésillon de cinco dispositivos explicativos: *paráfrase, instância enunciativa, tempo, topoi sintáticos e topoi discursivos*.

A paráfrase diz respeito às várias versões que, de um mesmo tópico, se encontram em rascunhos manuscritos. O geneticista irá em busca do motivo das oscilações e deverá interpretar a opção final.

A instância enunciativa pode ser a chave das paráfrases. No caso anterior, as paráfrases eram de Proust e se referiam ao estado de espírito, ainda nebuloso, de quem passa do sono para o despertar. Comparando as várias redações, conclui Grésillon que "o problema não era claramente encontrar o melhor enunciado para o adormecido, mas antes saber *quem* devia assim dormir e despertar" (p. 155).

A idéia de tempo, contida em advérbios e formas verbais, depende assaz do tema em desenvolvimento. É muito importante, p. ex., em Proust, cujo livro de maior repercussão se intitula exatamente *À la recherche du temps perdu* (ou, entre nós, mais pela visão interior que pela temática, a obra maior de Machado de Assis, já estudada sob esse ângulo, por Dirce Riedel e Wilton Cardoso).

Com os topoi sintáticos estamos com as frases e não com as paráfrases. A sintaxe, a *constructio*, de há muito atrai os teóricos das línguas e das literaturas; foi, e é, um dos objetos privilegiados da Estilística. É na armação da frase e na seleção do vocabulário que melhor se define o estilo. E, como se sabe, numa Estilística humanista e não puramente formalista, interpretações psicanalíticas já foram tentadas.

Os topoi discursivos confinam com a teoria da enunciação, onde entra a subjetividade do enunciador, traduzida, no enunciado, nos pronomes pessoais, nos tempos verbais, nos determinantes, em certos advérbios, na tipologia lexical, nas formas de modalidades. Nome obrigatório a recordar: Emile Benveniste.

Estes poucos exemplos concretos quiseram ser ilustrativos de uma tomada de posição em favor da língua e de um método que se foi elaborando de passagem. (p. 161)

Em oposição ao método interpretativo fundado no "princípio dinâmico", podemos talvez classificar como fundados no "princípio estático" os métodos que Grésillon alinha sob a designação de "Outros horizontes teóricos", a saber: *narratologia, temática, psicanálise, sociocrítica*.

A narratologia se baseia na noção de "estrutura", ao passo que a genética elege a de "movimento". Nesse caso, observa Grésillon, a estrutura narrativa só ganha clareza quando se completa com o movimento narrativo. Grésillon exemplifica com a análise do conto de Flaubert, *Un coeur simple*, realizada por Raymond Debray Genette. Uma pobre criada, que tudo perdeu em relações humanas, não lhe resta senão também morrer. O texto parece contar somente com a morte física. Mas o antetexto, os manuscritos, nos revelam que o conto visa a duas mortes, a do corpo e (sem dúvida, a que mais importa, a da sua presença no mundo) a da sua alma: "a ordem da caridade contra a ordem da carne, a da santidade contra a da sensualidade" (p. 162). "Nada, no fundo, que fizesse cessar esse jogo de oposições – senão o achado de um terceiro termo: o coração, como síntese entre a alma e o corpo" (ib.). Recordemos o título do conto.

O tema é a idéia que o autor realiza no texto. Já foi comparado a uma estrutura profunda, ou seja, à própria mente humana. Mas o tema *bouge* (a não ser no conto) particularmente em nossas novelas televisivas, que se remodelam ao sabor dos humores da recepção. Do ponto de vista da crítica genética, o autor não altera o tema, mas procura, às vezes obsessiva e angustiadamente, o *verbum* capaz de materializar em palavras a concepção que gerou na mente. Releia-se, de Machado de Assis, "O cônego ou a metafísica do estilo". É essa busca ansiada e ansiosa do termo próprio que pode ligar a crítica genética à leitura temática.

A leitura psicanalítica, hoje mais do que nunca enfeudada aos ditames lacanianos, pressupõe, para falar com Bellemin-Noel, um *inconsciente do texto* (p. 169). Observa Grésillon que "o textoanalista" lê ... os rascunhos em todos os sentidos, neles compreendidos os que surgem por ricochete" (ib.). E também, a nosso ver, na interpretação do textoanalista, é preciso contar com o seu inconsciente. Nessa linha de estudos, não se pode omitir o nome do professor Philippe Willemart, atualmente integrando o quadro docente da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

8. Dos cinco horizontes teóricos alinhados por Grésillon, o que nos pareceu de maior relevo crítico foi justamente o último, dedicado à "sóciocrítica". É que aqui nos sentimos mais próximos do solo do qual o subjetivismo e a psicanálise nos haviam afastado, sem, contudo, qualquer subordinação ao positivismo. Grésillon começa dizendo que "a crítica genética contribuiu para restituir aos estudos literários uma certa dimensão histórica que o formalismo estruturalista tinha sistematicamente esvaziado" (p. 171). Afasta, porém, desde logo, o perigo de uma confusão entre "diacronia genética" e "acontecimento histórico" (ib.) Esclarece que a "dimensão realmente histórica dos estudos de gênese" é a que é explorada pela aproximação sociocrítica dos manuscritos. Tal sociocrítica vai investigar o "pré-construído" (Mitterrand) ou o "pré-escrito", como prefere Grésillon, no qual interfere o *intertexto*, sob a forma de "coisas lidas, sabidas, vistas e ouvidas duma cultura de época: doxa literária, saberes acumulados, idéias recebidas, código de representações, lembranças, impressões de leitura – em resumo, o ar do tempo" (p. 172). Convém neste ponto transcrever um texto mais longo, em que Grésillon nos diz como vê a distinção entre crítica sociogenética e sociocrítica:

A crítica das fontes, como o nome indica, contenta-se em elaborar uma lista que mostra que tal obra procede "logicamente" de tal outra, de tal corrente, acontecimento real ou referente. A crítica sociogenética, no que lhe diz respeito, recusa-se a ficar na oposição positivista entre fontes e obra; faz, ao contrário, trabalhar a tensão que existe entre a pulsão documental e a pulsão escritural, entre o real da história e o imaginário da escritura, estudando, materiais em mão, as diferentes fases de citação, transformação, integração ou rejeição do discurso alheio. (p. 173)

Todas essas reflexões o levam a concluir que "Esse jogo de impedimentos (*contraintes*), impostos pela letra do antetexto, e de liberdade, escolhida por uma

visão interpretativa, indica muito exatamente o espaço onde a crítica genética pode mover-se" (p. 175)

9. É no capítulo V, intitulado "Crítica Genética e Edição" – com o qual iremos finalizar esta recensão –, que Grésillon se ocupa com o árduo problema edição genética x edição crítica.

O ponto de partida para a correta visualização do conflito está nesta sentença de Grésillon, aqui repetida: "A crítica genética tem por objeto o *antetexto*, a edição crítica tem por objeto o *texto*" (p. 177). Desenvolvamos a distinção, que, ao cabo, se desfará, pois Grésillon logo fala numa "feliz complementaridade entre edição e gênese" (p. 178). E a seguir dá mais uma pista:

De seu lado, a crítica genética exige por certo o rigor filológico para a constituição do antetexto, mas o estabelecimento de uma edição crítica é a seus olhos não seu primeiro objetivo nem sua finalidade, mas uma das aplicações possíveis da teoria. (p. 179)

Como se sabe, a crítica textual tem o seu nome símbolo no alemão Karl Lachmann, que fundou o método positivista da edição crítica, ainda hoje praticado, com esta ou aquela alteração ou aperfeiçoamento. Por tal razão, parece-me, é que o confronto selecionado por Grésillon foi com a escola alemã. Curiosamente, é no terreno germânico que vê Grésillon germinarem as primeiras sementes da crítica genética. Já nos referimos a Beissner que, segundo Gr. "lançou em 1937 uma nova concepção de edição crítica." Essa "nova concepção" consistia no recurso aos manuscritos, na utilização das variantes estruturalmente apresentadas e não mais como um conjunto de formas isoladas e sim a obra vista como um processo e não como um produto. Essa renovação alemã não deixou de florescer na França, onde se publicaram notáveis edições críticas ou semicríticas. Todavia, lamenta Gr.. "No que concerne à História, a gênese ou fixação dos textos foi reduzida ao silêncio pela vaga estruturalista" (p. 187). Contudo, logo a seguir se recupera: "Entretanto foi de certo modo sobre o fundo estruturalista que nos inícios dos anos 70 a crítica genética tomou impulso" (ib.). E logo a seguir:

Mas, em vez de se deixar prender na camisa-de-força de uma edição crítica, os geneticistas, aliás no início quase todos germanistas senão germanófonos, fizeram do estudo dos manuscritos seu principal objeto de estudo.

E ainda:

Apenas, já se terá compreendido, o objetivo principal não é mais a edição do texto, senão pôr em evidência mecanismos de escritura, o conhecimento racionalizado dos atos materiais e intelectuais da criatividade verbal.

Cabe então uma definição mais particularizada do que seja uma edição genética:

Entende-se pelo termo "edição genética" uma edição que apresenta exaustivamente e em ordem cronológica de seu aparecimento os testemunhos de uma gênese. Na concepção francesa, não se trata da fixação de uma edição sinóptica (que reúne várias camadas numa só), mas da reprodução, um a um, de todos os manuscritos do antetexto. (p. 188)

Em prosseguimento, refere-se Gr. às edições fac-similadas, nas quais distingue dois tipos: "as destinadas antes aos bibliófilos que aos pesquisadores" e as de cunho científico, que têm por função "entregar ao leitor o manuscrito em sua forma autêntica".

Sob a rubrica genérica de "edição genética", engloba Gr. quatro tipos, a saber: a) *livro para ler*; b) *instrumento de pesquisa*; c) *percurso genético integral*; d) *edição eletrônica*.

O tipo a) abre mão de certos requisitos que devem integrar uma edição de caráter científico, a fim de aliviar o texto e organizá-lo "em séries de caracteres inteligíveis, apresentadas numa linearidade ininterrompida e dotadas de coesão e coerência" (p. 190). Esse tipo não serve para os pesquisadores e os obriga a recorrer ao manuscrito.

O tipo b) compreende dois subtipos: edição de uma fase particular da gênese e edição de um percurso genético integral.

O primeiro subtipo utiliza-se de blocos de anotações, cadernos, diários, planos e cenários do autor estudado (quando os houver, claro está). O uso de fac-símiles com transcrição em certos casos é o ideal.

O segundo subtipo "visa a apresentar todas as peças do *dossier* genético de uma obra, desde o primeiro esboço até o texto impresso, passando por todas as fases genéticas conservadas. *É naturalmente a edição genética por excelência*" (p. 192). O grifo é meu. Para se ter uma idéia de como se pode apresentar esse subtipo de edição genética, valha este exemplo de um conto de Flaubert: trinta páginas impressas passam a perto de setecentas numa edição genética. A fim de evitar tais excessos, pode o editor limitar-se a uma parte da obra. Assim fez Philippe Willemart, com a sua publicação exaustiva do primeiro capítulo de *Hérodias*. Entra igualmente em linha de conta a diferença entre prosa e poesia. "A força da edição genética reside no fato de deslocar resolutamente o timbre do escrito para a escritura, do produto para o processo" (p. 195).

A respeito desse tipo de edição já surgiram sem dúvida algumas críticas, particularmente do lado alemão, como esta: as edições genéticas não merecem o nome de edições: "elas se contentariam com reproduzir a matéria bruta, sem a ordenar, sem fazer aparecer imediatamente, como nos aparatos sinópticos, os lugares variantes ou paradigmas de variantes, sem colacionar as diferenças entre as versões sucessivas e, principalmente, sem fazer o trabalho de estabelecimento do texto" (p. 195).

Para Gr. existe apenas um malentendido, porque cada tipo de edição, a alemã e a francesa, cumpre funções diferentes. "A edição alemã *inclui* a análise, o comentário e interpretação genéticas e condensa os resultados dessas investigações em

seus aparatos sinópticos para chegar em fim de conta ao estabelecimento do texto definitivo" (ib.). E, no que tange à edição francesa, assim se exprime: "Considerando que nenhuma representação sinóptica pode dispensar o geneticista do retorno aos manuscritos (originais ou fac-similados), ela [a edição genética francesa] procura fornecer ao pesquisador um instrumento simples, apresentando na ordem da gênese os testemunhos transcritos e providos de um comentário escritural do *dossier* em apreço" (p. 198). Continua, porém, a flutuar a indagação inicial: "a edição genética merece o nome de edição"? Talvez fôra mais conveniente distinguir (*distinguo!*) entre a *edição* do texto, seguindo a tradição ecdótica, e a *publicação* (ou publicações) do antetexto (ou dos antetextos). Adverte ainda Gr., e cremos que não se há de contestá-lo, na necessidade de dissociar a apresentação da gênese da sua interpretação.

Passa por fim Gr. a ocupar-se com a "edição genética eletrônica". Como era de esperar, a grande contribuição desse tipo de "edição" é o seu caráter tecnológico. A memória poderosa do computador, as possibilidades do fácil confronto de numerosos manuscritos, a oportunidade de presenciar em desfile todos os cenários de uma obra, tudo isso permite que, enfim, "seja restituída essa dinâmica da escritura que nenhuma edição-papel pôde realizar" (p. 200). Se o computador é uma ameaça de golpe mortal na escrita manuscrita, por outro lado permite suprir deficiências que a indústria do livro não conseguiu vencer. Com a invenção do logicial (*logiciel*) *Hypercard* [que estaria para a edição eletrônica como o *hipertexto* de Gérard Genette para a edição-papel genética] "a Informática traz na verdade soluções para os problemas da edição genética para cuja solução não ousaríamos sonhar dez anos atrás" (p. 199). Não caímos, porém, na tentação de sobrepor a técnica ao homem:

Entretanto, como sempre em Informática, a máquina é um instrumento (e um instrumento de uma capacidade de memória de rapidez e eficácia inauditas), mas não saberia substituir os comandos do pesquisador. Até o presente, o computador é incapaz de ler a complexidade da escritura manuscrita que caracteriza os *dossiers* genéticos literários, é, pois, sempre o pesquisador que estabelece as transcrições. (p. 201).

E ouçamos uma vez mais a Grésillon, para concluir este tópico:

Editores e geneticistas vão enfim poder trabalhar de mãos dadas e sobre dados idênticos: uns para fabricar tal edição de texto conforme a sua conveniência, aperfeiçoável a cada nova tiragem, outros para ir buscar ao computador a visualização de todas as aproximações textuais que alimentam sua reflexão genética" (p. 202).

10. Cremos já ser possível, com base nestes *Eléments*, tão claramente expostos, tirar algumas conclusões a respeito da natureza, objetivos e métodos da Crítica Genética.

I – Para melhor entender as razões que fizeram emergir a Crítica Genética na segunda metade deste século XX, particularmente nos anos 70, cumpre situá-la em

relação com a forma como vinha sendo praticada a Crítica Textual. E então desde logo salta aos olhos a radical oposição entre esses dois tipos de Crítica. Não é que a Crítica-Genética pretenda negar à Crítica Textual o direito que lhe assiste de trabalhar em sentido diferente do seu. Mas o fato é que se trata de caminhos divergentes.

A Crítica Textual, em sua feição canônica, tem em vista a fixação do texto desejadamente "definitivo", também dito *ne varietur*, o mais fidedigno, o que melhor represente a última vontade do autor. Para o fim colimado, o método dominante é o lachmanniano ou neolachmanniano, que passa pelas fases tradicionais da *recensio*, *collatio*, *examinatio*, *emendatio*, *constitutio stemmatis* e *constitutio textus*. Constituído o texto final, a edição crítica o faz acompanhar de um aparato de variantes, que não acharam lugar no texto apurado.

A Crítica Genética opera com outro espírito. Não é o texto final que a orienta e sim os vários textos que foram gerando a obra que o autor, afinal, entregou à impressão. O que a solicita não é o ponto de chegada, mas o percurso, os percalços da caminhada, a luta do autor consigo mesmo, no afã de encontrar o verbo ideal para a *cosa mentale* que lhe baila no espírito. É o que Grésillon chama a textualidade *in statu nascendi*.

A Crítica Genética não visa, pois, à produção de um texto modelar, chamado "edição crítica", e sim ao estudo interpretativo (como estamos longe de *recensere sine interpretatione* lachmanniano!) dos textos que constituem as fases da gestação de uma obra, por assim dizer. A Crítica Genética não é, pois, uma Crítica Textual e sim uma Crítica Pré-Textual.

II – Essa Crítica Pré-Textual é uma crítica de manuscritos e de manuscritos autógrafos. Por isso é uma crítica que se aplica a autores modernos. Na Idade Média não há como falar em manuscritos autógrafos; são todos ou quase (raros, e somente na Baixa Idade Média) apógrafos, ou *alógrafos*, como prefere dizer Grésillon. Aqui Tavani:

Assim sendo, não se pode, obviamente, senão lamentar a escassez de autógrafos medievais, e desejar que se venham a descobrir alguns mais, ou, pelo menos, que se reconheça se um dos testemunhos disponíveis de um texto medieval não seja por acaso o autógrafo desse texto, ainda não identificado como tal. ("Teoría y metodología de la edición crítica", em *Litterature latino-américaine et des caraïbes du XXe. siècle*, 1988: 38)

A esse respeito, vamos apresentar, em ordem de aparição no texto, alguns fragmentos da exposição de Grésillon, procurando-lhes dar o necessário encadeamento de idéias:

Logo de saída uma constatação: o manuscrito moderno é diferente em todos os pontos do manuscrito antigo. O primeiro é um manuscrito de "autor", o segundo, em sua maior parte, um manuscrito estabelecido por um copista. (p. 77)

O primeiro é um documento de criação, o segundo, um documento de reprodução e de transmissão. Daí decorre que não se pode fazer crítica genética em sentido estrito senão a partir dos manuscritos modernos. (p. 78)

Segundo ponto, muito mais espinhoso: desde quando existe esse tipo de documentos que chamamos "manuscrito moderno"? (p. 78)

O problema não é, pois, o de saber desde quando se escrevem rascunhos, mas desde quando são eles conservados. (p. 79)

O espírito humanista fez nascer uma certa idéia do homem enquanto indivíduo, consciente e responsável dos seus atos. O sujeito da Cidade de Deus torna-se progressivamente indivíduo dotado de liberdade, cidadão da Cidade dos homens. Em vez de escrever para testemunhar da grandeza dos Antigos, ou *ad maiorem Dei gloriam*, ou para enriquecer uma biblioteca ou um mosteiro que se tornavam proprietários de seu produto, o autor escreverá *porque* faz *autoridade* e *porque* é escritor ou *para que* seja reconhecido como tal. (p. 81)

III – Se não é a fixação de um texto ótimo, *ne varietur*, o mais fiel à última intenção do autor, então que mais cabe a esse novo tipo de crítica, além de marcar as etapas do percurso genético da obra? Neste ponto a Crítica Genética volta a ligar o autor à obra, afasta-se do formalismo estrutural, que vê mais a letra do que o espírito e que tenta estabelecer critérios de "literariedade", capazes de revelar o mecanismo através do qual o autor fabricou o seu produto de arte verbal. Para o estruturalista, tema em si não é o que importa e sim o saber formal que o criou. Contudo o ato de leitura, diz Grésillon, "é uma conjunção permanente de duas atividades solidárias: decifrar e compreender" (p. 141). Leitura objetiva e leitura subjetiva. Duas práticas distintas, sem dúvida. Distintas, sim, porém *solidárias*; e isto é o que sobreleva. *Distinguer pour unir*, para lembrar mote de Jacques Maritain. Contudo essa leitura interpretativa não deve ser confundida com o "comentário filológico" do texto, que se destina a fornecer *informações* de ordem gramatical, literária, mitológica, histórica, geográfica e outras do gênero, as quais permitam tornar *claro* o texto para o entendimento atual do leitor medianamente culto. É que a Crítica Genética é essencialmente uma crítica de gestação. Procura surpreender as dores e as alegrias de suas fases criativas. Não oferece, porém, uma técnica obstétrica; os laboratórios de análise não obedecem aos mesmos enfoques teóricos. Grésillon depõe sem reboços: "Com efeito, eu poderia citar numerosos trabalhos genéticos dos quais uns se reclamam da poética, outros da psicanálise, outros da lingüística, outros ainda da sociocrítica ou da crítica temática" (p. 146).

Grésillon declara tomar partido pela *langue*. Não será, porém, a *langue* saussuriana, estática, formal, estrutural, mas, ao contrário, a língua dinâmica, *in statu nascendi*, a língua do movimento e dos atos de fala. Numa palavra, a língua da *Lingüística da enunciação* e não do *enunciado*. Neste ponto, Grésillon aproxima Benveniste dos mestres ingleses fundadores da filosofia analítica da linguagem:

"Aliando assim a teoria da enunciação e as regularidades da produção escrita e inspirando-se dos títulos de Searle (*Atos de fala*) e de Austin (*Como fazer coisas com palavras*), a análise dos manuscritos poderia contribuir para uma teoria lingüística dos *atos de escritura*, que teria como divisa *escrever é fazer*" (p. 150). Estranho que, neste ponto, não se faça nenhuma menção à Estilística de Vossler-Spitzer, pois é sabido que esses dois autores, partindo de particularidades da linguagem dos escritores, procuraram chegar ao estado de espírito que as geraram, poderíamos mesmo dizer à *forma mentis* de onde brotaram. Em "Perspectivismo lingüístico no Quixote", Spitzer assim explicita, mais uma vez, o seu método de trabalho:

De acordo com isso, escolherei alguns fenômenos lingüísticos (de escassa importância, à primeira vista, para o mundo artístico de Cervantes), os quais tentarei primeiro reduzir a um denominador comum e relacionar depois com a *Weltanschauung* ou pensamento de Cervantes. (1961: 137)

Grésillon ainda enumera outras modalidades interpretativas a que denomina "horizontes teóricos", às quais dá menor importância e a que já fizemos referência. E sua conclusão é esta:

Através de algumas perfurações nas bases do antetexto, ficou patente que, se a fase de *constituição* do *dossier* genético é relativamente homogênea, a da sua *interpretação* é múltipla. (p. 175)

IV – Finalmente convém relacionar a Crítica Genética com o *Zeitgeist*, o espírito do nosso tempo.

Este nosso *fin de siècle*, mais especificamente *fin d'un millénaire*, à falta de coisa melhor, recebeu a chancela de "pós-moderno". O que é a pós-modernidade ninguém consegue definir. O pós-moderno não tem cara, porque seu outro nome é caos. Ihab Hassan, em artigo de 1987 – "Toward a Concept of Postmodernism" –, alinha uma série de diferenças entre Modernismo e Pós-Modernismo, o que lhe permite afirmar que

o pós-modernismo volta-se para formas abertas, divertidas, optativas, transitórias (abertas no tempo tanto quanto na estrutura ou no espaço), disjuntivas ou indeterminadas, um discurso de ironias e fragmentos, uma "ideologia branca" de ausências e fraturas, um desejo de difrações, uma invocação de silêncios, complexos, articulados. (1993: 283)

É que o séc. XX presenciou o maior desmoronamento ideológico da centúria: a implosão do império soviético. Ao contrário da pós-modernidade, a modernidade se caracterizou pela busca do *uno* e não do *múltiplo*. Os regimes políticos marcantes do século foram totalitários e não pluralistas: fascismo, nazismo, comunismo, todos eles estruturados na base de um partido único, sob a férrea e carismática inspiração de um guia infalível. As democracias ocidentais resistiram sem dúvida, mas a derrota do nazifascismo nos campos de batalha parecia assegurar a emergência fatal do socialismo vermelho, predita pelos teóricos do marxismo-lenin-

nismo. As esquerdas, que hoje parecem burras, viveram seus momentos de radioso triunfalismo, e não faltava quem, para posar de intelectual, fizesse questão de ostentar o seu velho ou recente marxismo. Mas sobreveio o que todos sabemos, e as esquerdas, de repente, perderam a dialética de seu discurso revolucionário. Por outro lado, as democracias vitoriosas mas doutrinariamente despreparadas (só haviam cuidado dos avanços tecnológicos) não tinham muito que dizer. Despontou assim um *neoliberalismo*, ainda indefinido e inconcluso. Desarmados e perplexos, buscaram os marxistas um ponto de apoio para o caos ideológico que então se instaurou. E julgaram tê-lo encontrado na *utopia*. Se fracassaram ideologicamente, se foram utópicos, então é porque tudo o mais não passa de utopia. Daí a onda de utopismo que anda grassando na *intelligenza* nossa e alheia. Desaparece destarte a verdade; volta-se ao relativismo especulativo. Retorna-se à grande dúvida de Pilatos: *quid est veritas?* A esta pergunta do procurador da Judéia, sucedeu, para falar com o saudoso Néelson Rodrigues, um silêncio ensurdecedor.

Grésillon, p. ex., traz à colação um conto de Borges, que diz ser "maravilhoso", intitulado "O jardim das veredas que bifurcam". Na verdade mais propriamente trata-se de um labirinto. E comenta Grésillon:

Os manuscritos literários nos confrontam com efeito muito freqüentemente com essa imagem das veredas que se bifurcam indefinidamente, criando *redes* e *tramas*, abraçando todas as possibilidades, todas as virtualidades, todos os excessos jubilatórios que existiram durante o tempo da escritura e que teriam podido, não fosse a funesta rasura, converter-se em texto. (p. 12)

E mais adiante:

A linearidade inicial, reconstruída e necessária, mas parcial e lacunar, transforma-se sob o olhar do leitor-intérprete em sinuosidades e em movimento sempre assintótico. A taxionomia da classificação cede lugar aos meandros da significação, que são processos sem fim. (p. 140)

Veja-se ainda esta indagação:

Uma época que tomou gosto pelo fragmento e pelo inacabado, pelas variações da recepção e pelos excessos da desconstrução, por que não iria até incluir os traços da gênese em seus julgamentos estéticos? (p. 206)

Essa referência à *desconstrução* nos leva a salientar como um dos traços do magma pós-modernista a profusão de palavras formadas com o prefixo negativo *des-*. A obsessão de desconstruir permitirá o movimento reverso da reconstrução? Perdida a unidade, perde-se a bússola que dá sentido à sucessão dos tempos. *E la nave va...* Passageiros sem tripulação. O ponto de equilíbrio continua sendo a busca incansável do homem no percurso transcendente pela face da Terra.

*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. (1966). *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard.

HASSAN, Ihab (1987). "Toward a Concept of Postmodernism", em *A Postmodern Reader*, State University of New York Press, Albany, 1933 (editado por Joseph Natoli e Linda Hutcheon).

TAVANI, G. (1988). "Le texte: son importance, son intangibilité", em *Littérature latino-américaine et des caraïbes du XXe. siècle*, Bulzoni Editore.

_____ (1988). "Teoría y metodología de la edición crítica", ut supra.

OBS.: A tradução para o português de transcrições de texto em língua estrangeira é da responsabilidade do autor do presente artigo.
